



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Práticas de liberdade na educação infantil: recortes e reflexões de um educador

JÔNATAS COCENTINO DE OLIVEIRA

Brasília – DF, julho de 2016.

JÔNATAS COCENTINO DE OLIVEIRA

Práticas de liberdade na educação infantil: recortes e reflexões de um educador

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Fátima Lucília Vidal Rodrigues

Brasília – DF, julho de 2016.

TERMO DE APROVAÇÃO

JÔNATAS COCENTINO DE OLIVEIRA

Práticas de liberdade na educação infantil: recortes e reflexões de um educador

Trabalho de Conclusão de Curso defendido sob a
avaliação da Comissão Examinadora constituída por:

Profa. Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues
Orientadora

Profa. Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues
UnB/Faculdade de Educação

Prof. Dr. Fernando Bomfim Mariana
UFRN/Faculdade de Educação

Brasília – DF, julho 2016.

DE OLIVEIRA, Jônatas Cocentino

Práticas de liberdade na educação infantil: recortes e reflexões de um educador / Jônatas Cocentino de Oliveira: Brasília: UnB. 2016, p 32.

Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) –
Universidades de Brasília, 2016. Jônatas Cocentino de Oliveira

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha orientadora Fátima Vidal, que tive o prazer de acompanhar e ser acompanhado desde o Projeto 3.2. Obrigado por ser o tipo de “alguém que eu quero ser quando crescer”!

Agradeço à minha família por ter tido bastante paciência nesses 23 anos que tiveram que conviver comigo. Vocês são grande parte de quem eu sou!

Aos amigos que estiveram do meu lado me dando força, me levando ao bar e me ajudando a entender quem eu sou!

À Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo por expandir os meus horizontes e de muitos que passam por ela.

À UnB por ter sido palco de/e proporcionado novas vivências que vão além do âmbito acadêmico.

E a cada um que já tive o prazer de cruzar em qualquer momento da vida. Eu sou vocês e vice-versa.

O mundo é um conceito.

Camila Medeiros

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso é resultado da observação e reflexão, a partir da vivência prática de um estágio docente na Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo, situada no Distrito Federal. Seu objetivo é problematizar práticas de liberdade na educação infantil a partir das reflexões de um educador à luz das teorias. Diretamente ligado ao objetivo geral, nossos objetivos específicos foram: investigar o conceito de liberdade em Paulo Freire e Hannah Arendt e destacar recortes da prática em educação infantil que valorizam e reconhecem a liberdade como fundamental na constituição da criança pequena. Para o desenvolvimento desse trabalho buscamos uma fundamentação teórica que embasasse os conceitos norteadores. Os trabalhos de Paulo Freire (1979; 1996) que discorrem acerca da educação como prática de liberdade e Hannah Arendt (1975; 1978), embasam e dão continência a esse ensaio reflexivo. A pesquisa estruturou-se a partir da prática e observação em sala de aula desenvolvidas na Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo ao longo de dois anos. Baseando-se na metodologia qualitativa, os dados apresentados são provenientes do meu diário de campo, escrito durante a realização do estágio, bem como de relatórios bimestrais escritos pelo docentes acerca dos processos de desenvolvimento e aprendizagem das crianças. A discussão traz como essas práticas contribuem para a constituição da identidade desde a infância, possibilitando que por meio da reflexão e da realidade vivida com o outro, as crianças reflitam e percebam a pluralidade que há ao redor delas e possam lidar com isso de forma singular, em sua forma própria de viver a liberdade. Nesse sentido, as práticas educativas realizadas possibilitaram às crianças e ao professor-pesquisador a conclusão do que o fazer docente pautado pelos princípios de liberdade podem oferecer espaços de constituição e reconhecimento do outro.

Palavras-chaves: Liberdade, Criança Pequena, Espaço Escolar.

ABSTRACT

This course conclusion work is the result of observation and reflection, from the practical experience of a teaching internship at Pro-Education Association Vivendo e Aprendendo, located in the Federal District. Your goal is to problematize practices of freedom in early childhood education from the reflections of an educator in the light of theories. Directly linked to the overall objective, our specific objectives were to investigate the concept of freedom of Paulo Freire and Hannah Arendt and highlight the practice cuts in child education that value and recognize freedom as fundamental in the constitution of the young child. For the development of this work we seek a theoretical basis that embasasse the guiding concepts. The work of Paulo Freire (1979, 1996) who talk about education as a practice of freedom and Hannah Arendt (1975, 1978), underlie and give continence this reflective essay. The research was structured from the practice and observation in the classroom developed the Vivendo e Aprendendo over two years. Based on the qualitative methodology, the data presented are from my diary, written during the traineeship, as well as bi-monthly reports written by teachers about the development and learning of children. The discussion brings as these practices contribute to the formation of identity since childhood, allowing through reflection and reality lived with the other children to reflect and realize the plurality that there are around them and can handle it in a unique way in their own way of living freedom. In this sense, the educational practices made it possible to the children and the teacher-researcher's conclusion that teachers do guided by the principles of freedom can offer space for the constitution and recognition of the other.

Keywords: Freedom, Toddler, School Space.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	15
ABSTRACT	18
APRESENTAÇÃO	11
PARTE I - MEMORIAL EDUCATIVO	12
PARTE II – ENSAIO REFLEXIVO	17
1. INTRODUÇÃO	17
2. PROBLEMATIZAÇÃO TEÓRICA	19
3. RECORTES E REFLEXÕES DA PRÁTICA EDUCACIONAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL	24
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
PARTE III – PERSPECTIVAS DE UM DEVIR	30
REFERÊNCIAS	31
APÊNDICE	32
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	32

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso em pedagogia foi realizado no 1º semestre de 2016. Fruto das minhas reflexões e vivências pedagógicas, a partir da prática do Projeto Autonomia e de meu estágio curricular obrigatório, que contribuíram para a problemática geral escolhida, dialogando entre teoria e prática.

A primeira parte consiste em um memorial educativo, o qual tem como objetivo mostrar minha trajetória educacional. A partir dessas informações é possível compreender minhas razões e intenções subjetivas frente à pesquisa. Nessa parte, apresento ainda minhas perspectivas futuras e profissionais que nomeei como Um Devir a Ser.

A segunda parte apresenta o ensaio reflexivo que está dividido em introdução, problematização teórica e considerações finais.

A introdução traz a justificativa, a questão problema, que é a base do ensaio, demarcada pelos objetivos, geral e específicos, norteadores do trabalho teórico e da pesquisa propriamente dita.

O primeiro capítulo apresenta o conceito de liberdade nos autores Paulo Freire e Hannah Arendt.

O segundo capítulo traz a discussão e análise dos fragmentos obtidos durante a pesquisa, dialogando com o conceito norteador deste trabalho: liberdade. Relacionando-os às discussões teóricas e considerações do autor.

Por fim, apresento as considerações a respeito da presente pesquisa.

PARTE I - MEMORIAL EDUCATIVO

Nasci em uma família tradicional, regada por princípios cristãos. Logo após o meu nascimento meus pais começaram a frequentar uma igreja, tornando assim, os ensinamentos que aprendíamos dentro dela o que nos direcionava em todos os aspectos da vida de todos da minha família. Isso também influenciou a minha trajetória escolar que começou em uma escola religiosa (Colégio Batista), que estudei durante toda a educação infantil até o segundo ano do ensino fundamental. Tenho poucas memórias desta época, mas me recordo que gostava de brincar com crianças que se identificavam como do sexo feminino. Eu estava rodeado pelos seus padrões de beleza e estética. Tinha uma grande afinidade com este Colégio. Tinha uma enorme sensação de pertencimento e até hoje não sei de onde isso veio. Foi lá que tive minha primeira professora memorável. Era a Tia Lidiane, uma jovem alta, loira, muito carinhosa e bastante extrovertida. Seu carisma conquistava a todas as crianças da escola.

Meus pais se esforçaram bastante para que eu e minha irmã mais velha pudessemos ter uma educação de qualidade. A educação foi algo que meus pais sempre priorizavam nas nossas vidas. Lembro-me deles virarem noites atrás de nos matricular em escolas públicas de qualidade.

Na terceira série do ensino fundamental (atual quarto ano), fui para um colégio público, a Escola Classe 312 Norte. Que até hoje se situa na quadra 312 norte, que foi a quadra em que nasci e vivi a maior parte da minha vida. Foi esta escola que proporcionou novas relações interpessoais das mais variadas formas. As crianças do meu antigo colégio eram na maioria brancas, cristãs e de classe média alta. Estudar numa escola pública me trouxe uma grande oportunidade de expandir meus olhares, mesmo que de criança. Não só com as outras crianças, mas também com os professores. Meu grupo de amigos ainda era majoritariamente formado por meninas. Ainda na terceira série, tive uma professora chamada Creusa. Uma mulher negra, com seu jeito único e uma personalidade forte. Uma das grandes atividades desse ano foi a nossa ida a Câmara dos Deputados. Mas não foi qualquer visita. A professora Creusa nos instigou a criar um projeto de lei e a defendê-lo durante a nossa visita. Foi um momento muito marcante, desafiador e empoderador estar na Câmara e ser ouvido pelos presentes.

A quarta série foi bem diferente da série anterior. Desta vez a professora se chamava Mara. Ela era alta, negra, jovem e muito engraçada. Lembro-me de seus comentários durante a aula, ela gostava muito de desabafar com seus alunos da quarta série. No mais, não tenho muitas memórias a respeito dessa série.

A Escola Classe 312 Norte seguia o padrão de escolas públicas que tinham atividades na Escola Parque 210/211 Norte. Recordo-me de contar os dias para ir para lá. Era a escola que a maioria das crianças pediria pra estudar. Lá ocorriam as atividades físicas e artísticas, tanto plásticas quanto musicais. O tempo voava quando eu estava fazendo atividades com papel marche, dançando nas atividades de corpo, música e movimento e também nos ensaios das apresentações que as turmas de música faziam com frequência. Foi nessa época que meu interesse por teoria musical começou a aflorar.

Como a Escola Classe 312 Norte só ofertava até a quarta série, no ano seguinte fui para o Centro de Ensino Fundamental 711 Norte. Localizada numa quadra próxima a minha antiga escola, logo, a maioria dos meus colegas da 312 Norte também foram para a 711. Lá estudei apenas a quinta série. Um ano sem muitas novidades, apesar de ser em um novo espaço escolar, eu já estava bem tranquilo por ter os mesmo colegas do ano anterior. Por falar nisso, sempre fui do tipo de pessoa que dependia bastante dos amigos e família, apesar de gostar de ser independente. Isso se repetiu nos anos de Universidade.

No ano seguinte, na sexta série, fui para a Escola Classe 104 Norte. Era considerada uma escola modelo e minha mãe se esforçou bastante para que eu conseguisse uma vaga lá. Lembro-me do meu primeiro dia de aula, sentado perto da parede, observava a turma, a luz do sol entrava pela janela causando um contraste estranhamente belo dentro da sala, apesar de não me sentir a vontade. Foi nesta época que o interesse por padrões de estéticas alternativas começou a me chamar a atenção. Andava com o grupo de visual alternativo da escola. Naquela época os EMOs (gênero musical pertencente ao rock, com uma musicalidade melódica que também se estampava no vestuário dos jovens através de roupas escuras, listradas e quadriculadas) estavam em alta e aquilo me fascinava. As experiências interpessoais e estéticas que tive nesta escola foram muito significativas para mim. Tiveram influências dentro de casa, no modo que eu me vestia e no modo que eu me relacionava com todos. Também estudei a sétima série e o início da oitava série nesta escola.

No final do primeiro bimestre da oitava série, meu pai recebeu uma ligação de um primo dele que na época trabalhava no Colégio Militar Dom Pedro II (CMDP II). Um aluno havia saído de lá (ido estudar na 104 Norte e eu o conheci), logo havia uma baga. Uma escola de qualidade e com uma mensalidade acessível não era uma oportunidade a se perder. Meus pais aceitaram na hora, eu fiquei bem receoso, com medo do que um colégio militar poderia me trazer. Mas fui. Naquela época, os alunos novatos deveriam ir vestidos de calça jeans e blusa azul marinho até que a sua farda ficasse pronta. Chegou o dia em que a farda ficou pronta. Ocorreu uma empolgação de início, mas logo passou. A estética militar foi algo que me atingiu profundamente. Todos os dias os alunos deveriam estar impecáveis. Farda passada, sapato engraxado, cabelo cortado e barba feita (nessa época eu já tinha uma barba relativamente cheia e tinha que me barbear três vezes por semana). Sem contar que os portões do Colégio fechavam-se as 6h45.

Dei a sorte de ser da turma de uma das minhas grandes colegas de escola desde a 312 Norte e que também era minha vizinha. No Colégio Militar ela era a Aluna Gabriela Rodrigues, mas para mim ela é até hoje, por mais que tenhamos nos afastado, a Gabi. Passei o primeiro semestre no seu grupo de amigos. Com o tempo fui me sentindo mais a vontade na sala e me identificando com outras pessoas. Duas delas foram a Aluna Raíssa Rocha e a Aluna Marianna Nascimento. As duas alunas que tinham o visual alternativo da sala.

O ensino fundamental se findou e veio o ensino médio. O CMDP II tinha uma dinâmica de todo ano fazer uma grande mudança nas turmas, por uma questão de ordem. Separei-me do meu grupo de amigos, mas não fiquei abalado por isso. Desde criança gostava de conhecer pessoas e percebi que poderia ser uma grande oportunidade de fazer novos amigos. Foi o que aconteceu. Conheci pessoas incríveis. Uma delas foi a Aluna Marina Silva, alguém que me aproximei, me conquistou e conquistei, após algumas intrigas. Tornamo-nos como unha e carne e o Colégio se tornou pequeno de mais para nós dois. Aprontamos muito, mas muito mesmo. Todos os bimestres, durante o ensino médio, nós éramos mudados de sala. Essas mudanças de sala apenas fortaleceram a nossa amizade (que permanece até hoje, mesmo que com as nossas rotinas relativamente separadas). Outro ponto positivo dessas mudanças de sala foi conhecer mais gente. Como a Ana Seganfredo, que foi uma colega de sala que também demonstrava interesse nas estéticas alternativas, e ela, que causava uma primeira impressão bem serena, está até hoje presente em minha vida em momentos de laser.

Nessas muitas mudanças de sala também conheci a Juliana Giroto. Nos conhecemos por causa de amigos em comum, éramos do mesmo grupo de amigos da sala e não perdi tempo e já fui querer conhecer melhor aquela menina loira, dos olhos azuis, linda e bem diferente dos padrões de estética que me chamavam a atenção. Ela foi a prova viva, em minha vida, de que as relações interpessoais vão além das aparências estéticas. Passamos muitos momentos divertidos durante o ensino médio e o resultado do vestibular iria nos surpreender alguns meses depois.

Chegou o terceiro ano do ensino médio e após dois anos com o assunto vestibular sendo o mais falado pelas salas a hora de fazê-lo havia chegado. E aos 17 anos tivemos que tomar a decisão de qual curso guiaria a nossa jornada profissional. Três cursos passavam pela minha cabeça: pedagogia, psicologia e serviço social. Optei por pedagogia, dos três o que tinha a menor nota de corte e que me ajudaria a criar uma escola religiosa (naquela época esse era um dos meus desejos profissionais).

Passei pra Pedagogia, juntamente com uma grande amiga de ensino médio, Juliana Giroto. Tudo era novo para nós, a autonomia no matrícula web, os colegas de curso de todas idades, as diversas pessoas que frequentavam o ambiente da universidade. O primeiro semestre foi cheio de descobertas, o projeto 1 veio para ajudar a nos situarmos, saber o que era a UnB. Ao final deste semestre comecei a me descobrir. Desliguei-me dos nós religiosos que ainda me envolviam e passei a procurar quem eu realmente era. No semestre seguinte veio o projeto 2, nos mostrando o leque de possibilidades que o curso de Pedagogia tem a nos oferecer. A partir deste semestre decidi explorar a Universidade e pegar matérias também de outros cursos, como psicologia, artes, filosofia e até mesmo educação física. Algo muito positivo na UnB, permitir que os alunos tenham vivências em outras áreas, conhecer pessoas novas e aprender a lidar com outros tipos de grupos acadêmicos. No terceiro semestre começamos a colocar em prática o que nos interessava no curso que estávamos fazendo. Decidi entrar em um projeto de orientação educacional. Não tive muita afinidade com esta área. No semestre posterior, me deparei com o projeto de práticas pedagógicas inovadoras. Apaixonei-me. Conheci escolas em Brasília que faziam e fazem trabalhos incríveis, que levam em conta o interesse das crianças, mostram as possibilidades do mundo e as crianças aprendem brincando.

Uma dessas escolas foi a Vivendo e Aprendendo. Que na verdade é uma associação pró-educação que surgiu em 1982 por pais e mais insatisfeitos com os modelos escolares e queriam um local em que seus filhos fossem reconhecidos como

sujeitos capazes de pensar, criar e fazer escolhas (disponível em www.vivendoeaprendendo.org.br Acessado em 4/10/2015). Decidi participar do processo seletivo para ser estagiário desta associação. Fui selecionado.

Entrei na Vivendo e Aprendendo em um momento de transformação da minha vida. Havia terminado um relacionamento e vários questionamentos surgiam em minha cabeça. Queria saber quem eu realmente era, tanto fisicamente como filosoficamente. As transformações internas foram surgindo e as externas também. Mudei meu modo de vestir, fiz algumas tatuagens e meu modo de pensar também se modificou. Minha aparência se tornou fora do padrão, percebi que essa estética não prejudicou o meu trabalho pedagógico nem a minha relação com as crianças da escola e o meu ato de liberdade estética não foi censurado dentro da associação. Após dois anos de estágio na Vivendo e Aprendendo, tornei-me professor da associação.

A partir desta vivência de liberdade de mudança estética dentro de sala de aula, surgiu o interesse de pesquisar sobre a relevância das práticas de liberdade na educação infantil. Investigando como as crianças reagem a essas práticas dentro de sala de aula.

Diante de tudo que trouxe neste memorial educativo, minhas perspectivas profissionais estão voltadas para o trabalho dentro de sala de aula, buscando em minha prática proporcionar um espaço educacional de liberdade, mostrando para as crianças que conviver com pessoas respeitando as suas liberdades é algo enriquecedor. Atualmente atuo como docente na Vivendo e Aprendendo, mas também desejo ter experiências na Secretaria de Educação, para poder aplicar a prática por mim defendida neste trabalho em locais que não tenham percebido a importância das ações libertárias.

PARTE II – ENSAIO REFLEXIVO

1. INTRODUÇÃO

O atual contexto educacional também é vítima de padrões que aprisionam, mesmo que de forma sutil, os que estão dentro dele. Um desses padrões é o formato estático das escolas. A escola parou de explorar, experimentar e até mesmo de incluir em seu espaço as diversidades e a diferença. Sejam elas no âmbito arquitetônico e dos indivíduos que fazem parte dela (crianças, pais, educadores etc.). Atualmente a escola está reproduzindo os padrões, esquecendo-se de levar em conta a subjetividade externalizada através do agir de cada sujeito e como eu reajo ao outro, que é diferente de mim.

O interesse pelo assunto partiu da observação do comportamento das crianças da Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo. Um espaço educacional diferente do padrão escolar que vemos hoje em dia. Possui uma arquitetura fora do convencional, o uso do uniforme não é obrigatório para crianças e adultos. Isso dá uma liberdade de escolha estética e de ação pedagógica. Com frequência, as crianças usam fantasias ou combinações de roupas que elas escolhem e dão vazão à sua autonomia e expressão visual. O mesmo ocorre com os educadores que também gostam de explorar as próprias possibilidades estéticas, que pode ocorrer de diversas formas, seja fazendo o uso de roupas com cores e estampas diversas ou até mesmo, modificações corporais (piercings, tatuagens, tintura e cortes não convencionais nos cabelos). As diferenças estéticas e o posicionamento nas diferentes formas de habitar um corpo liberto, ou supostamente liberto, também provocam diferentes sensações e reações no outro. Como lidar com as sensações que as diferenças do outro geram em mim? Como lidar com o outro? Como lidar comigo? São questões que podem surgir quando nos deparamos com algo diferente. A escola tem levado isso em conta? Há práticas de liberdade ou libertas na escola infantil? Como ficam as reflexões dos educadores acerca dessa temática? As diversas experiências de liberdade costumam ser ignoradas no processo educativo padrão, mas em diversos casos, elas podem ser instrumentos pedagógicos presentes na educação. Daí surge o questionamento: Como a problematização acerca da liberdade

pode contribuir para práticas pedagógicas mais comprometidas com a constituição das crianças na educação infantil?

Tendo isso em vista, o objetivo geral foi problematizar práticas de liberdade na educação infantil a partir das reflexões de um educador à luz das teorias. Diretamente ligado ao objetivo geral, nossos objetivos específicos foram: investigar o conceito de liberdade em Paulo Freire e Hannah Arendt, destacar recortes da prática em educação infantil que valorizam e reconhecem a liberdade como fundamental na constituição da criança pequena.

Para o desenvolvimento desse trabalho buscamos uma fundamentação teórica que embasasse o conceito norteador e Paulo Freire e Hannah Arendt proporcionaram-me a lente necessária à essa reflexão .

Ao final, apresentamos as considerações desse movimento de ir e vir sobre a teoria e o acompanhamento da escrita sobre as crianças.

2. PROBLEMATIZAÇÃO TEÓRICA

Antes de analisarmos os recortes dos diários de bordo, apresentarei o conceito norteador que fundamentará a análise.

Conceito de Liberdade

Ouvimos falar sobre liberdade com frequência. Termo citado inclusive na constituição mas que não se limita somente aos âmbitos jurídicos e/ou políticos.

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: IX - é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença; (in: <http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10730738/inciso-ix-do-artigo-5-da-constituicao-federal-de-1988> 05/06/2016 19:52)

A liberdade também está relacionada ao âmbito pessoal, ao modo como uma pessoa se posiciona perante o que está ao seu redor. Mas como pensar a liberdade dentro do âmbito escolar? Bem, antes de abordarmos essa questão, conceituaremos segundo Hannah Arendt essa tal liberdade.

“Para esta autora, a liberdade é uma atividade exercida pelos homens por meio do convívio entre eles. É um fenômeno da vida pública e, enquanto fenômeno é algo que aparece aos homens, que tem existência quando externalizado. Apresenta-se como atividade da vida política e não um dado da consciência, da vida interior.” (Arendt apud CORREIA, 2008, p. 113)

Pensemos a liberdade na antiga Grécia, a partir do momento que a organização política passou a fazer parte da vida humana. O ser humano percebeu que a liberdade é

algo imprescindível nas suas relações. Porém, mesmo após a sua invenção e percepção da sua importância, nem sempre o ser humano agiu de forma libertária perante o outro e às vezes, até a si mesmo. Um exemplo disso foi o nazismo, regime de Adolf Hitler, que perseguiu os judeus. Hannah Arendt era de origem judia.

Hannah Arendt pregava o pluralismo político. Visando a manifestação natural da igualdade política e liberdade através de respeito, tolerância e inclusão. Conseqüentemente, seu interesse político pedia para a democracia direta, repleta de liberdade, igualdade dos cidadãos perante a lei e participação de todos. Quando os interesses públicos são menosprezados, ocorre o risco de uma ditadura aparecer. Além dos interesses públicos, a singularidade e a espontaneidade de cada um também acabam sendo minimizadas pelo Estado, quando há o interesse de uma instauração totalitária. Segundo Arendt (1997), o sujeito livre também expressa sua liberdade através do aspecto físico.

Arendt declara que é necessário que o homem aja para que possa exercer o livre arbítrio. Para Agostinho (1995), o uso consciente da liberdade. Após a ação de escolha, entre a razão e o desejo, o homem quebra com a oposição dos dois e continua o seu caminho. Arendt também afirmava que caso o homem não tome uma decisão, em algum momento, ele seria dominado pelo desejo. Só que nossa liberdade é rodeada de condições dos que nos rodeiam. Desde que nascemos, recebemos e percebemos no outro as suas atitudes racionais. A escola, em sua maioria das vezes, vem como um local de reprodução dessa razão moral e social que nem sempre leva a liberdade em conta. Mas afinal, queremos apenas reproduzir algo dentro das escolas ou permitir que as crianças criem algo novo e possamos integrar no que já existe?

Para Arendt, agir significa iniciar algo. Ela afirma que a criação do novo está na natureza humana e que cada homem é singular. Essa singularidade é expressa através das suas atitudes no meio social. Arendt reconhece o valor da liberdade de expressão no espaço social e como um instrumento para a construção de uma realidade concreta.

A ação como expressão da liberdade ocorre diariamente, através da convivência com os que estão à sua volta. Sem ter como chegar a uma conclusão do que ocorrerá depois. E é justamente pelo fato do homem não saber o que virá em frente, que se aprisiona ao controle do sistema e deixa de lado a sua singularidade criativa. Quando o

homem age de alguma forma que não sabe o que virá depois, a sua ação tornar-se uma representação completa da liberdade humana. Rompendo a mesmice que nos aprisiona.

Agora traremos a liberdade para a educação. Como Paulo Freire (1979) nos questionou em seu livro “Educação como prática de liberdade”, o que escolheríamos “entre uma ‘educação’ para a ‘domesticação’, para a alienação, e uma educação para a liberdade. ‘Educação’ para homem-objeto ou educação para homem-sujeito?.” Paulo Freire empenhou-se em na busca desse homem-sujeito dentro da educação. Pela sua trajetória, percebeu que os homens-sujeito, por fazerem parte de uma sociedade, esta também tornaria sujeito. Pensar a educação como um instrumento de auto-reflexão, que leva à tomada de consciência e impulsiona a uma inserção na História, como sujeito autor de sua própria história. Uma educação libertária, pensando num sentido Arendtiano, onde a criança, primeiramente, torna-se autora da sua história identitária e educacional. Na escola acompanhada, ao longo desses dois anos é visível o lugar de centralidade ocupado pelas crianças, agires libertos que ratificam um corpo habitado.

Freire (1979) nos alerta a respeito da “sombra da opressão” que esmaga as camadas mais ingênuas da sociedade e de que um dos papéis da educação é expulsar esta sombra e garantir possibilidades que respeitem a liberdade de crescimento do homem como sujeito. “Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. Que o predispuesse a constante revisões. À análise crítica dos seus ‘achados’. A uma certa rebeldia, no sentido mais humano da expressão. Que o indentificasse com métodos e processos científicos.”

“De uma educação que levasse o homem a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço.” As ideias freireanas nos orientam a seguir uma prática pedagógica que permita a criança e o educador terem diálogo e escuta, respeito pelo saber da criança e reconhecer a identidade cultural do outro. Para Freire, é necessário que o processo de educação nasça a partir do que é observado e possa ser praticado, gerando assim, uma transformação.

Em seu livro, *Pedagogia da Autonomia*, Freire (1996) também nos leva a refletir a respeito do aprendizado crítico. Onde o educando tem a liberdade de construir com as próprias opiniões e desenvolver-se eticamente. Pensemos aqui na relação quase que simbiótica que a autonomia e a liberdade podem passar a experimentar. A partir do momento que a criança tem um espaço dentro da escola (pensando no tema deste trabalho) em que possa expor suas opiniões e buscar seus interesses e levando em conta

o que está a sua volta para poder construir sua noção ética. “É decidindo que se aprende a decidir. Não posso aprender a ser eu mesmo se não decido nunca porque há sempre a sabedoria e a sensatez de meu pai e de minha mãe a decidir por mim” p. 104.

Anteriormente, vimos a reflexão de Arendt à respeito da necessidade de ação como expressão da liberdade. Freire (1996) segue uma linha de pensamento semelhante. Para ele, existe a importância da criança criar autonomamente e criticamente a noção ética de respeito à liberdade do outro e é a sua ação que comprova isso. A criança fala e vive.

“A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala de nossa educabilidade a um nível distinto do nível do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas.” (FREIRE, 1996 p. 67)

Ainda em *Pedagogia da Autonomia*, Freire nos leva a questionar a respeito do uso do autoritarismo. Tema que também é de interesse de Arendt e que podemos pensar na educação. Freire (1996) é a favor da ruptura do autoritarismo dentro do espaço escolar e da abertura de possibilidades de aventuras dentro do processo de aprendizado. A reprodução de conhecimento é algo que deve ser deixado de lado.

“Mulheres e homens somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de apreender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender pra nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e a aventura do espírito.” (FREIRE, 1996, p. 68)

Da mesma forma que a criança precisa de um espaço de autonomia para a sua criação das suas próprias opiniões. Freire não deixa de levar em conta a relação do educador com o educando. Existe a necessidade de uma troca de saberes que também tem como objetivo proporcionar uma nova aprendizagem. Levando em conta que o educador não irá apenas repassar esse conhecimento e nem a criança apenas receber.

Freire também nos leva a pensar essa troca de aprendizado como parte do processo de criação da autonomia. A constituição da autonomia acontece a partir da experiência e das decisões que são tomadas. É um processo. Aprendo a ser eu mesmo nos momentos em que eu decido, não quando há alguém decidindo por mim. A

liberdade da mesma forma. É necessário que aja um espaço de liberdade para que eu possa assumi-la e vive-la.

“A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiência respeitosa da liberdade.” (FREIRE, 1996, p 67).

Esses autores, de forma sensível e ainda atual nos levam a considerar a necessidade de uma prática de liberdade na educação infantil. Levando em conta que a nossa liberdade e autonomia estão envolvidas com o outro e vice-versa. Imaginemos que o espaço escolar proporcionasse experiências em que as crianças aprendessem criticamente a lidar com seus processos de vida envolvidos que o que está a sua volta de forma libertária.

A seguir, trago recortes da vivência que tive durante dois anos de estágio e seis meses como educador na Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo que, além de vários instrumentos pedagógicos também usa da liberdade.

3. RECORTES E REFLEXÕES DA PRÁTICA EDUCACIONAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

“A Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo surgiu como resultado de discussões continuadas de um grupo de pais, acadêmicos e profissionais do ensino que não estavam satisfeitos com a educação oferecida pelo sistema convencional. A rigidez e a padronização dos currículos impostos pela projeção sombria de um regime autoritário que vigorava no país eram questionadas e a mobilização de um grupo de pais em torno da questão foi possível num momento em que emanavam as primeiras luzes para a construção de alternativas democráticas de participação cidadã.” (in <https://vivendoeaprendendo.org.br/historia/05/0620h17>)

Em 1982 surgia a primeira turma da Vivendo e Aprendendo, com apenas oito crianças. Mais de trinta anos se passaram e a Vivendo e Aprendendo cresceu. Atualmente, as seis salas de cores diferentes recebem crianças dos dois aos sete anos de idade, nos períodos matutino (8:00 às 12:00) e vespertino (14:00 às 18:00), somando em média 170 crianças. As crianças são divididas por faixa etária (pensando nas especificidades de cada fase) nos ciclos 1, 2, 3, 4 e 5. O Ciclo 1 recebe crianças com a idade de 2 anos e assim, sucessivamente. Cada turma com o número máximo de 16 crianças. Dentro de sala há a presença de dois adultos. Um professor titular e um professor auxiliar.

Vale lembrar que mesmo após três décadas de vivências, a Vivendo e Aprendendo mantém seus princípios básicos. Os pais, educadores e crianças não são clientes e sim, associados. Com isso, a participação ativa na associação torna-se necessária. Mas como ocorre esse processo associativo?

Os pontos de maior relevância associativa são abordados, dialogados e encaminhados em assembleias gerais. Mas também existem colegiados formados por educadores e pais que tratam de questões mais específicas.

Existem as comissões de comunicação, higiene e saúde, espaço, entre outras. Há o Conselho Pedagógico que debate e acompanha projetos e ações pedagógicas, e o Fórum de Aprovação, Avaliação e Progressão (FAAP), responsável pela seleção e

avaliação dos educadores. A Diretoria da associação também é formada por educadores e pais e é eleita todos os anos em assembleia geral.

O caráter associativo da Vivendo e Aprendendo também é refletido no seu pedagógico. A seguir, passaremos pela metodologia da associação-pró-educação.

“Os princípios e fundamentos político-pedagógicos da Vivendo e Aprendendo se alicerçam em alguns pilares fundamentais: o reconhecimento da criança como sujeito de direitos, autônomo e com capacidade de pensar criticamente; o entendimento de que a interação com o outro e com o meio ambiente é condição para o desenvolvimento e a aprendizagem das diferentes linguagens; a valorização da criatividade nos processos de construção de conhecimento; a participação ativa das famílias e de outros segmentos da comunidade escolar nas rotinas educacionais; e a construção coletiva da intervenção pedagógica com base na reflexão teórica qualificada sobre a educação.” (in: <https://vivendoeaprendendo.org.br/metodologia/05/0621h11>)

Esses princípios e fundamentos têm como objetivo dar suporte a uma prática que priorize o indivíduo, o espaço de construção coletiva entre as crianças e a atuação e a permanência da família na escola. Seguindo a temática desta pesquisa, focaremos nos princípios que seguem a perspectiva pedagógica da Vivendo e Aprendendo.

O trabalho pedagógico da Vivendo e Aprendendo tem a sua gênese a partir do interesse das crianças. As atividades planejadas pelos educadores têm como objetivo envolver os questionamentos das crianças alinhando as suas curiosidades ao que o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RECNEI) sugere que seja abordado. Acrescentando eixos que a equipe pedagógica acredita serem relevantes para o desenvolvimento das especificidades de cada faixa etária das crianças, como a horizontalidade e o respeito à infância.

A rotina diária da Vivendo e Aprendendo divide-se nos seguintes momentos: roda inicial, primeira e segunda atividades, parque, lanche e higiene, o “fora” e a roda de história. As atividades possuem em média 30 minutos, levando em conta as peculiaridades de cada turma e 1 hora para o parque, onde as crianças escolhem do que querem brincar, exploram os brinquedos do parque e brincam na areia. A Vivendo e Aprendendo possui algumas práticas pedagógicas que auxiliam no processo pedagógico. Para começar, precisamos saber que na Vivendo e Aprendendo as regras

surgem de um modo diferente do padrão. As crianças fazem parte do processo de criação dos “combinados”, que são como um acordo. Existem combinados gerais, inclusive de toda associação e alguns que tem sentido dentro do ciclo. O combinado precisa fazer sentido para todos do grupo. Por isso, é importante que a decisão seja tomada com abertura de espaço de fala para todos. O Combinado talvez seja o primeiro dispositivo de prática libertária da escola. As crianças decidem junto com a professora ou professor como e quais serão os princípios acertados para que todos possam estar juntos, fazendo o que querem e reconhecendo o outro. Um recorte para exemplificar:

Neste bimestre, percebemos que algumas crianças da sala Vermelha e também a Fernanda¹ estavam com uma movimentação de puxar os brinquedos da mão das outras quando queriam brincar. Isso acabava gerando alguns conflitos. Eu e a Lúcia conversávamos com a Fernanda quando esse tipo de situação ocorria. Falávamos que devemos conversar com o amigo para poder pegar o brinquedo que estava em sua mão. Fernanda reagia bem à intervenção, devolvia o brinquedo, ia brincar de outra coisa sem tentar negociação. Porém, essa movimentação passou a ocorrer com maior frequência na sala Vermelha. Decidimos colocar mais um combinado na nossa lista. Sentamos em roda no tatame, perguntamos se as crianças gostavam quando alguém pegava algum brinquedo de suas mãos, elas respondiam que não. Fizemos o combinado de que quando quiséssemos brincar com o brinquedo que estivesse com alguém, teríamos que conversar e pedir. Agora temos um combinado para esse tipo de conflito. Fernanda sabe do combinado, mas às vezes, puxar o brinquedo parece ser a forma mais rápida de sanar a vontade de brincar. (Diário de Campo, 3º Bimestre 2015)

¹ Os nomes das crianças e das salas foram modificados, para mantermos o sigilo acerca de suas identidades. O nome da escola foi mantido com a concordância do Conselho pedagógico da Escola.

Outro combinado presente na Vivendo e Aprendendo é o de não rotular. A Vivendo e Aprendendo entende que o ser humano, principalmente a criança, está em um processo contínuo de transformação e que cada mudança também traz inúmeras potencialidades. O respeito faz parte deste combinado.

Um combinado inserido na rotina das crianças é o dia da culinária. Semanalmente, as crianças fazem comida juntas. Geralmente, relacionado com o projeto que estão abordando. A escolha dos ingredientes da culinária acontece de forma autônoma. Cada criança escolhe o que quer levar para o preparo da culinária. O projeto surge de acordo com o interesse das crianças.

Castigo é algo que não existe dentro da Vivendo e Aprendendo. Conflitos existem. Assim como em qualquer outro espaço que haja relações. Quando os conflitos aparecem, as crianças são estimuladas ao diálogo e a falarem o “não gostei”. Expressão simples e que legitima um sentimento.

Como falamos no capítulo anterior, há uma necessidade da criança ser autora do seu processo identitário e de aprendizagem. O ir e vir sobre o “currículo”, sua flexibilidade e, especialmente, a escuta sensível dos professores, permitem que algo seja abandonado e outro ponto seja colocado em seu lugar. As crianças têm liberdade para eleger como querem fazer seus processos, dando ainda mais significado para os diferentes Campos de Experiência.

Depois de revivermos esse contato com a agrofloresta, percebemos o interesse das crianças em relação aos insetos que víamos por lá. As crianças comentavam das abelhas que rodeavam os girassóis e das formigas que estavam presentes em todo o território do parque. Em alguns momentos, as formigas eram temidas, pois recebíamos picadas. Com o tempo, aprendemos a conviver com elas. Quando víamos as formigas, mudávamos a direção ou até mesmo pulávamos, para evitar que pisássemos nelas. Começamos estudando as abelhas, descobrimos onde elas vivem e que, como nós, as abelhas também crescem! Mas o interesse pelas abelhas não estava tão latente quanto pelas formigas. Daí, decidimos focar nas formigas! Com o objetivo geral de aprender mais sobre estes seres tão presentes nas nossas vidas e os objetivos específicos de conhecer onde elas moram, quais os tipos de formigas existentes, o que comem e como elas convivem entre si e com os que estão ao seu redor. 1º Bimestre 2016

Toda sexta-feira, com o objetivo de proporcionar a interação de todas as crianças da escola, acontece a Vertical. A Vivendo e Aprendendo leva em conta a convivência entre as crianças de faixas etárias diferentes. Os mais novos descobrem coisas novas e os mais velhos podem reviver ensinando e observando os outros. A descoberta e redescoberta é um momento de compartilhamento que estabelece o pertencimento a esse grupo de crianças. A escola se torna um grande território educativo (CALVO, 2013) de liberdade, onde o brincar do corpo, dá lugar também a ver e estar com o outro.

O parque é um momento esperado pelo Quirino. Tão esperado que ele até sobe na grade sozinho, para abrir o portão para nós. Ele explora o parque de várias formas. Às vezes, senta ao nosso lado e faz bolos de areia. Sente-se à vontade para sair de onde o ciclo 1 está e ir descobrir o que os brinquedos do parque tem a lhe oferecer. Sobe no trepa, pula, roda e corre. Às vezes fica tão empolgado que começa a jogar areia pra cima, que acaba caindo em seus amigos que estão por perto. Nesse momento falamos para tomar cuidado com os amigos que estão ao seu redor. Dizemos isso com o intuito de ajuda-lo a perceber as pessoas estão a sua volta, mas de forma que não precise parar de brincar. 3º Bimestre 2015

Aqui cabe lembrar a liberdade coletiva sendo levada em conta. Onde a criança deseja jogar areia para cima e os que estão à sua volta não querem um banho de areia. Trazer a liberdade através da educação, mostrando lugares em que Quirino possa fazer sua chuva de areia, respeitando o espaço dos que convivem com ele.

Mesmo com uma rotina fechada, os educadores e crianças possuem a liberdade de fazerem combinados dentro dos ciclos e ocuparem o espaço de fora da sala. Como mostra a situação a seguir que ocorreu durante o horário de atividade dentro de sala e quatro crianças brincavam no galpão que há na escola.

Também houve uma situação em que ele estava brincando no galpão com o Neco, Uirá e Quévin. Os quatro brincavam de ‘meus pintinhos venham cá’. Sem o intermédio de nenhum educador, apenas os quatro, Neco gritava: meus pintinhos venham cá! E os três corriam em direção a ele. Também como ditam as regras desta brincadeira. 4º Bimestre 2015

A avaliação das crianças é realizada diariamente por meio de observação individual e do grupo, sendo registrada no “Diário de Bordo”, possibilitando o pensamento reflexivo constante dos educadores a respeito do desenvolvimento da criança. Como fruto das observações das crianças experimentando as novidades, são elaborados relatórios bimestrais (geral – referente ao grupo – e individuais), onde se registram os processos do grupo e de cada criança.

Um espaço escolar que prioriza a relação horizontal dos que nela existem e preocupa-se com a formação crítica do ser. Intercalando atividades lúdicas sugeridas pelos educadores, que levam em conta os interesses das crianças e momentos de livre-interação. A Vivendo e Aprendendo proporciona a liberdade dentro de um espaço escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa foi realizada a partir do desejo de salientar a liberdade e como ela existe dentro da Pedagogia. Liberdade essa que pode ser expressa de várias formas. Seja por opiniões, escolhas, atitudes que representam nossas mais livres subjetividades. Foi importante observar as crianças, pois é por causa e junto delas que agimos pedagogicamente e lembramo-nos de agir libertariamente.

Nesses dois anos e um semestre que tenho tido a oportunidade de vivenciar na Vivendo e Aprendendo as diferentes práticas de liberdade, percebi que apenas precisamos envolver e dar instrumentos para as crianças durante o processo de aprendizado delas e que deve ser protagonizado pelas mesmas. E assim a criança apropria-se do novo que tem vivenciado em seu período na escola, experimentando e aprendendo. Se reconhecendo e reconhecendo o que há ao seu redor.

PARTE III – PERSPECTIVAS DE UM DEVIR

Concluirei o curso de pedagogia e continuarei o trabalho já iniciado nesse ano com a turma que tenho o prazer de conviver diariamente na Vivendo e Aprendendo. O futuro pode parecer incerto. Minhas perspectivas permeiam entre focar na carreira de cantor e compositor, experimentar trabalhar na V&A no período da tarde e trabalhar na rede pública de ensino.

Aberto às possibilidades!

REFERÊNCIAS

ARENDT, H. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

CALVO, Carlos Muñoz. Del mapa escolar al territorio educativo. La Serena: Editorial Universidad de La Serena, 2012.

Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/292567549/Del-mapa-escolar-al-territorio-educativo-Disonando-la-escuela-desde-la-educacion-Carlos-Calvo-Munoz>

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

O livre-arbítrio / Santo Agostinho ; (tradução, organização, introdução e notas Nair de Assis Oliveira ; revisão Honório Dalbosco] – São Paulo : Paulus, 1995. – (Patrística)

Disponível em: https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/santo_agostinho_-_o_livre-arbitrio.pdf

VACAS VENEREAS – FREE

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3QrVolll3Wo>

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezados membros do Conselho Pedagógico:

Sou educador na Vivendo e Aprendendo e estudante do curso de graduação de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Estou realizando a pesquisa “Práticas de liberdade na educação infantil: recortes e reflexões de um educador” sob supervisão da Profa. Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues, cujo objetivo é problematizar práticas de liberdade na educação infantil a partir das reflexões de um educador à luz das teorias de Hannah Arendt e Paulo Freire.

A pesquisa estrutura-se a partir da prática e observação em sala de aula desenvolvidas na Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo ao longo de dois anos. Baseando-se na metodologia qualitativa, os dados apresentados são provenientes de diário de bordo escrito durante a realização do estágio, bem como de relatórios bimestrais de avaliação das crianças. Os dados utilizados na monografia se limitarão a relato de práticas amplas, sem a identificação das crianças ou intervenções pedagógicas específicas a uma ou outra criança. Na publicação dos resultados desta pesquisa, as identidades das crianças serão mantidas no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-las.

Comprometo-me a disponibilizar uma cópia física da pesquisa, após sua apresentação e a pensar junto com a Associação um possível momento de troca, conversa ou até explanação do que foi pesquisado.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador Jônatas Cocentino de Oliveira ou sua orientadora Profa. Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues.

Fone: (61) 993404972 E-mail: jon.jco@gmail.com

Atenciosamente

Jônatas Cocentino de Oliveira
Matrícula: 10/0130097

Data

Fátima Lucília Vidal Rodrigues
Matrícula: 101245-2

Consinto em autorizar este estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura do representante do
Conselho Pedagógico

Data